

Produção textual coletiva na formação de professores/as de música em tempos de pandemia: reflexões a partir de uma experiência discente na Licenciatura em Música da UFRN

GTE 16 – Formação inicial e continuada de professores/as de música

Comunicação

Andrielle Evelyn de Souza Teixeira
UFRN
andrigmr@gmail.com

Iatagam Ribeiro Rodrigues
UFRN
iatagamrodrigues@gmail.com

Janaína Braga Leite
UFRN
janainabl@ufrn.edu.br

André José dos Santos
UFRN
andresantos.mus@hotmail.com

Ewerthon Lucas de Oliveira Lima Santos
UFRN
ewerthon.santos.124@ufrn.edu.br

Émerson da Silva Lima
UFRN
emerson.lima.026@ufrn.edu.br

João Paulo Silva Sousa
UFRN
jp_furtado09@hotmail.com

Samira Rodrigues dos Santos
UFRN
samiracello07@gmail.com

Vic Souza
UFRN
jooxsouza@gmail.com

Resumo: Este trabalho configura-se como um relato de experiência coletiva produzido durante o primeiro semestre letivo de 2021, na disciplina Metodologia do Ensino da Música III, ofertada de forma remota no Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). No texto, discorremos sobre as estratégias que

estabelecemos para elaborar de forma colaborativa textos para a mencionada disciplina. Nesse processo, estão incluídas as reuniões que realizamos fora do horário de aula para refletirmos sobre os temas propostos em aula, bem como para elaborarmos um cronograma de atividades pelas quais diferentes grupos da turma ficaram responsáveis, levando em consideração a importância dos meios tecnológicos para tal feito. Concluímos, a partir da experiência relatada, que se faz necessário um maior conhecimento sobre a tecnologia atual para seu uso mais fluido e uma organização maior dos envolvidos para com o trabalho.

Palavras-chave: Trabalho colaborativo; Licenciatura em Música; Pandemia.

Considerações iniciais

Com a pandemia da COVID-19, as relações sociais sofreram mudanças devido ao distanciamento, forçando a criação de novas perspectivas em relação ao processo de aprendizagem, assim como Barreto e Rocha (2020) definem essa nova estrutura educacional, nomeando-a como “Pedagogia pandêmica”. Dessa maneira, houve a necessidade de buscarmos meios e artifícios tecnológicos a fim de obter uma melhor interação entre os envolvidos no processo, evitando ruídos e o fluxo contínuo de informações confusas e embaraçadas. Nessa perspectiva, o presente trabalho teceu a tratativa de um relato colaborativo.

Os autores deste texto são estudantes do 3º período do curso de Licenciatura em Música da Escola de Música da UFRN, objetivando debruçar-se na experiência de um trabalho coletivo produzido durante o primeiro semestre de 2021 na disciplina Metodologia do Ensino da Música III, no qual discorreremos sobre as estratégias estabelecidas para sua elaboração.

Para observar o processo pedagógico, fomos estimulados a desenvolver um pensamento crítico através de uma análise do filme “Whiplash - Em busca da perfeição” do diretor Damien Chazelle. Nesta análise fílmica, tínhamos que fazer observações a respeito da didática do professor, sua metodologia e tecer críticas ou elogios, analisar a forma que o filme fora apresentado ao espectador, observar as formas e normas sociais em um meio conservatorial, dentre outros pontos. Assim, desenvolvemos a presente comunicação, explorando estratégias e abordagens de modo que, mesmo com as limitações estruturais, fizéssemos uso da tecnologia a nosso favor. A partir disso, iniciamos uma jornada de questionamentos e discussões coletivas.

Inicialmente, explicaremos o contexto do relato e como se deu sua organização pelo grupo com o uso de mensagens pelo *WhatsApp*, através do qual nos comunicamos com a turma num primeiro momento. A seguir, discorreremos sobre como a tecnologia nos auxiliou para a produção colaborativa, como também seus empecilhos. No terceiro momento, discutiremos sobre como problemas de procrastinação por uma parte dos colegas afetaram a motivação — vinda de outra parte mais proativa — para realizarmos o trabalho conjunto. Depois, trataremos brevemente sobre como esses fatores culminaram na sobrecarga do grupo de revisão.

Nesse processo, estão incluídas as reuniões via chamadas de vídeo que também realizamos fora do horário de aula para refletirmos sobre os temas propostos na disciplina, bem como para a elaboração do cronograma de atividades pelas quais diferentes grupos da turma ficaram responsáveis. Após isso, passamos para a fase na qual foi traçada toda a estratégia de como iríamos desenvolver o trabalho dali para frente. Posteriormente foi executada a última fase do trabalho: a escrita desta comunicação.

Planejamento textual em tempos de pandemia

No período de pandemia, as instituições de ensino se adaptaram para atender aos estudantes de modo remoto. Conforme afirma Gusso et. al. (2020, p. 4), das aulas presenciais no ensino superior “decorre a necessidade de desenvolvimento de maneiras alternativas de ensino, como as tentativas de adaptação e implementação de sistemas digitais.”.

A respeito do ensino da UFRN, demos continuidade aos nossos estudos de maneira síncrona e assíncrona após um período de 3 meses sem aulas.¹ Como esperado, o primeiro período remoto, ainda em fase de teste, não foi bem aceito pelos alunos e por alguns professores. Inúmeras discussões foram levantadas com o intuito de explicitar as desigualdades sociais entre os estudantes, especialmente nesse momento pandêmico, em que nem todas as pessoas teriam acesso às aulas, já que computadores e internet de qualidade são ferramentas cuja disponibilidade ainda é distante da realidade de muitos

¹ Ficamos sem aulas do período de 17 de Março de 2020 até o dia 14 de Junho de 2020. Informação disponível no site oficial da UFRN <<https://www.ufrn.br/imprensa/noticias/34250/ufrn-suspende-aulas-presenciais-por-tempo-indeterminado>> e por anotações pessoais da equipe.

estudantes. Por fim, decidiu-se que o primeiro período remoto não seria obrigatório e teria um caráter de teste, assim nenhum aluno seria prejudicado.

Passamos a assistir às aulas por meio de plataformas de chamadas de vídeo, tais como *Google Meet* e *Zoom*. Nosso cotidiano, antes pautado por encontros presenciais e por trocas calorosas de conversas nos corredores realizadas entre os colegas recém conhecidos, transformou-se em interações que passaram a acontecer por meio das telas dos computadores, *tablets* e *smartphones*. Não ouvíamos mais as vozes uns dos outros a não ser com interferências tecnológicas dos dispositivos utilizados para participar das aulas. A imagem dos nossos colegas passou a ser vista de maneira limitada ou até mesmo estática, como nos casos daqueles que não costumam ligar as câmeras ou não as possuem.

Passado o longo período de adaptação, percebemos que agora parte dos estudantes está mais acostumada – ainda que insatisfeita – à nova realidade, e que as coisas não parecem tão desafiadoras, mesmo que ainda sejam. Cada professor, à sua maneira, passou por um processo de reflexão e descobriu maneiras de reinventar suas práticas buscando atender às novas necessidades.

Anteriormente, o professor da referida disciplina propusera a elaboração de uma resenha colaborativa sobre o filme “Orquestra de Meninos” (2008), dirigido por Paulo Thiago. Após assistirmos ao filme, escrevemos nossas impressões coletivamente pelo *Google Docs*². Contudo, o resultado mais parecia uma colcha de retalhos, pois cada aluno preocupou-se em escrever apenas o que lhe cabia, ignorando os parágrafos escritos anteriormente. Ao final, não foi possível concluir o trabalho, já que a turma não compreendeu a necessidade de comunicação, organização e disposição em aprender a utilizar os recursos disponíveis.

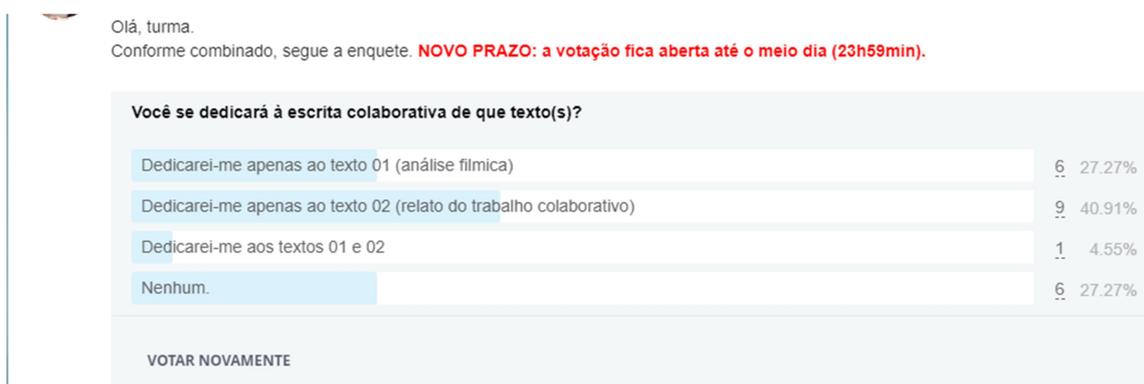
Após a experiência do trabalho anterior, assistimos ao filme “Whiplash” para escrevermos uma nova resenha. Munidos de novas orientações dadas pelo professor da disciplina, compreendemos a necessidade de nos organizarmos de maneira assertiva, com prazos e distribuição de tarefas entre os discentes da turma. A estratégia de organização do trabalho foi elaborada por um pequeno grupo de cinco alunos que assumiram o comando do trabalho e organizaram uma maneira mais eficaz para que o texto pudesse ser escrito

²Esta é uma plataforma de criação de documentos muito parecida com o programa *Word*. Nele, os dados inseridos são armazenados em nuvem, facilitando o trabalho colaborativo, onde podemos ver o que o outro está escrevendo em tempo real.

colaborativamente. Visando à necessidade de aprofundarmos nossas interações, concordamos que utilizar um aplicativo de mensagens instantâneas não nos ajudaria a resolver as questões mais importantes a respeito da escrita do texto. Portanto, reuniões por chamadas de vídeo foram feitas e nelas foram decididos alguns tópicos que poderiam ser discutidos por pequenos grupos. Cada tópico deveria ser contemplado por três a quatro alunos que decidiriam o quê e como escrever. Finalizada essa etapa, as discussões realizadas em cada tópico foram encaminhadas para a equipe responsável por revisar, editar e finalizar a resenha. Diferente da primeira escrita, essa atingiu um resultado satisfatório. Prova disso é que o professor sugeriu que transformássemos nosso texto de 19 páginas em dois textos menores e com temáticas diferentes. O primeiro consiste em uma análise fílmica e o segundo, um relato sobre o trabalho colaborativo da resenha, como uma forma de “bastidores”.

Para a divisão dos grupos de trabalho, uma enquete foi realizada na plataforma *Bitrix 24*, como exemplifica a *figura 1*, com o intuito de dividir a turma por temas de interesse.

Figura 1: Enquete realizada no Bitrix 24



Fonte: dos autores, 2021.

A partir disso, criamos um novo grupo via *WhatsApp* para definirmos os próximos passos de uma escrita direcionada a relatar as dificuldades, soluções encontradas e vantagens do trabalho colaborativo que, frente ao cenário atual (2021), só foi possível graças ao uso das tecnologias mencionadas anteriormente. Realizamos mais reuniões, dessa vez com um grupo reduzido, e estipulamos um prazo para que cada integrante escolhesse um dos tópicos para escrever. Contudo, aquele que não fizesse a sua escolha dentro desse

prazo, não poderia mais participar do trabalho, resultando no grupo que se dedicou à escrita deste texto. Priorizamos o envio de materiais com o máximo de antecedência possível para evitar atrasos na entrega ao professor. Esta se deu em tempo real e, através disso, ele obteve acesso *online* ao documento enquanto ainda estava em construção, podendo assim dar suas colaborações ao longo do processo.

Comunicação e uso de tecnologias na atualidade

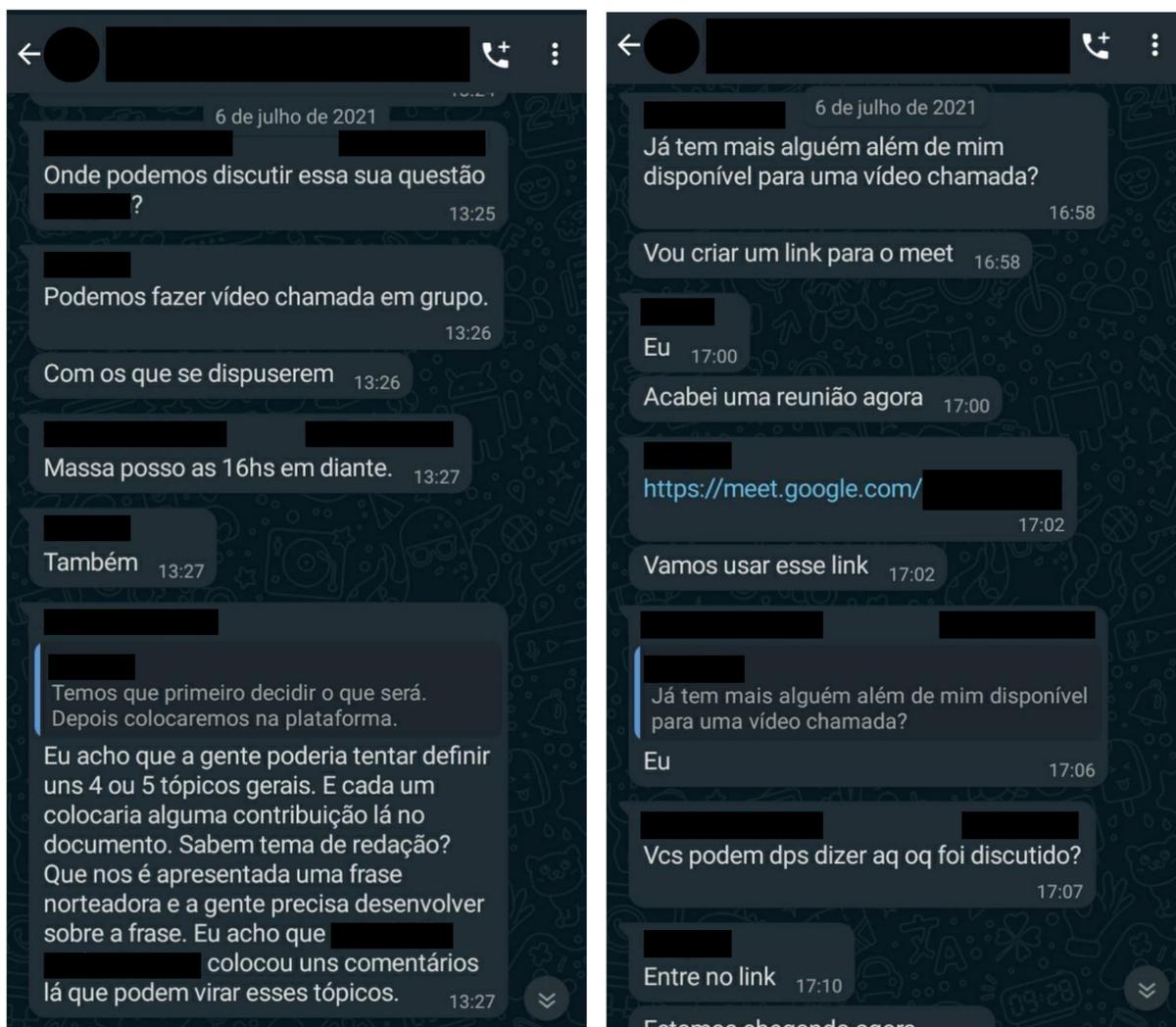
Obrigados a trabalhar de forma remota e sem o contato pessoal em salas de reunião, a escrita de um trabalho em conjunto torna-se um grande desafio. Nossos aparelhos eletrônicos, antes utilizados para finalidades diversas do cotidiano, tornaram-se parte essencial de nossas vidas acadêmicas e pessoais. Mais do que nunca, o uso de plataformas de videochamadas para nossas reuniões e/ou redes sociais como o *WhatsApp*, permitiram uma maior fluidez de nossas ideias, que se tornam tão menos palpáveis pelos algozes trazidos por este contexto quase distópico, conforme a *figura 2*. Werneck (2020, s.p. apud PEREIRA E OLIVEIRA, 2020, p. 248) afirma que a reinvenção se tornou obrigatória e fundamental neste período, pois

até a virtualidade se ressentiu - suas estruturas estão sobrecarregadas de tanta atenção. Quanto à humanidade, tornou-se duplamente refém: da Covid-19 e da virtualização. Antes, éramos seres humanos presenciais com a opção do online. Agora somos seres online com o risco do presencial.

Essas reinvenções também foram feitas a partir do uso das plataformas digitais, onde, felizmente, muitas delas estão disponíveis de forma gratuita, suscitando assim a discussão de um ensino mais acessível para todos e facilitando o compartilhamento de arquivos e dados importantes para o texto pela plataforma *Google Docs*, por exemplo. Também há a praticidade em podermos reassistir ao filme que deu origem à resenha crítica para que pudéssemos recapitular detalhes despercebidos numa primeira visualização. Em contrapartida, alguns destes canais de comunicação apresentam falhas como: problemas de conexão, quedas nos servidores, dificuldades de familiarização com a interface das plataformas e outras adversidades enfrentadas não apenas por nós, discentes, como

também por professores e por muitos dos 82,7% cidadãos que possuem acesso à internet em seus domicílios (IBGE, 2021)³ e que possuem acesso às plataformas disponíveis online.

Figura 2: Captura de tela do grupo de WhatsApp



Fonte: dos autores, 2021.

Tratando-se de que esta é uma situação emergencial da qual não esperávamos tamanha modificação em nossas vidas de forma tão abrupta, o estranhamento quanto a esta circunstância excêntrica torna-se algo natural. Como consequência disso, ocorreram dificuldades em encontrarmos horários e datas para reuniões pela falta de adequação ao ensino – às quais se dariam de forma remota – em decorrência das agendas acadêmicas, de

³ Os dados são referentes ao ano de 2019, mas a pesquisa foi publicada em 14/04/2021.

trabalho e assuntos pessoais dos componentes. Portanto, a disponibilidade neste momento tornou-se um grande obstáculo. Apesar da facilidade da entrega dos trabalhos, houve atrasos e, por isso, a necessidade de estabelecer novos prazos, tornando o caminho até a conclusão mais tortuoso. Cada grupo escolheu uma forma de comunicação interna e possuía autonomia para tomar seus próprios caminhos até atingirmos o objetivo final. Todavia, tal liberdade ocasionou um desnorreamento do ponto principal dos trabalhos, trazendo um problema de coesão entre os tópicos selecionados por cada grupo e no trabalho final da resenha crítica, de modo que a equipe de revisão precisou de grandes esforços para a feitura de um trabalho coerente.

Com o isolamento, a comunicação se tornou cada vez mais necessária para nos conectarmos em situações distintas. Em uma reportagem, Ricardo Cappra discorre sobre as relações humanas com as redes e como enxergamos a comunicação pela tecnologia atualmente. Em suas palavras:

Atualizamos nossos "mecanismos sociais" para manter as relações humanizadas. É um novo hábito que está entrando na vida das pessoas. Isso já aconteceu antes, com as redes sociais e os sistemas de mensagens instantâneas. É natural uma certa estranheza inicial, mas esses novos hábitos serão rapidamente incorporados. (CAPPRA, 2020, s. p.).

Por estes motivos, faz-se necessário tentarmos ao máximo a adequação das tecnologias digitais para termos uma melhor harmonia na sociabilidade do mundo moderno. Gohn (2008) aduz uma reflexão sobre o uso de tecnologias em comunidades *online* numa ótica da Educação Musical, mas que se faz importante no contexto presente: a participação em comunidades virtuais é algo voluntário,

exceto nos casos de cursos formais para uma formação de professores, em que pode haver uma avaliação do desempenho dos participantes, o interesse pelas trocas e diálogos é a única motivação daqueles que ligam seus computadores para comunicar-se com os outros (GOHN, 2008, p. 118).

Mesmo com os participantes possuindo acesso às tecnologias digitais – e muitos adquirindo-as pelo auxílio instrumental e de inclusão digital⁴ dado pela universidade –

⁴O auxílio instrumental e de inclusão digital da UFRN foi uma medida estabelecida para que alunos que não possuem esses meios de comunicação, em especial no contexto pandêmico, as adquirissem e pudessem acompanhar as aulas remotas. <<https://www.ufrn.br/imprensa/noticias/47230/proae-lanca-editais-para-concessao-de-auxilios-instrumental-e-de-inclusao-digital>>.

infelizmente não tivemos o engajamento comunitário desejado por todos na equipe, mas conseguimos concluir o trabalho de forma exitosa.

Compartilhamento de ideias, engajamento e diálogo: a formação de um trabalho a distância

Devido aos diferentes níveis de engajamento com o trabalho, associada à falta de leitura dos textos criados pelos demais componentes, muitas ideias ficaram desconexas. Isso resultou em textos fragmentados e incoerentes, fazendo-se necessária uma total reformulação e, em alguns casos, a exclusão de trechos completos.

Por se tratar de um trabalho coletivo, buscamos manter as impressões de todos, no que se refere à análise do filme em questão. Essa foi uma decisão tomada em conjunto, assim como a grande maioria das decisões tomadas durante esse trabalho, onde ocorreu o diálogo⁵ conjunto para que tivéssemos um trabalho mais coerente e que uma grande parte das ideias dos componentes fosse abarcada.

Referindo-se aos textos desconexos e/ou repetidos da nossa turma, foi necessária uma análise mais minuciosa, com objetivo de manter o respeito às interpretações diversas, mas que não comprometesse a estrutura do trabalho. Foi preciso fazer adaptações nos textos pessoais, tais como reformulação e criação de textos complementares para evitar a perda de materiais. Apesar de haver repetições de ideias, a forma como cada uma delas foi abordada divergia-se, e isso foi fundamental para o enriquecimento do trabalho. Para produção de uma atividade coletiva, é necessária a participação e o comprometimento de todos os envolvidos. À medida que as atividades deixaram de ser realizadas por aqueles que estavam por elas responsáveis, além de não contribuir com o trabalho coletivo, os demais grupos foram sobrecarregados. O objetivo de um trabalho colaborativo começou a perder o sentido ao passo que foi se restringindo a uma minoria, e a pluralidade de ideias que deveriam enriquecer a análise passou a ficar ausente.

Com consciência dessas possibilidades, mantivemos a proposta de criação de textos individuais que pudessem dialogar com os dos demais, qual um trabalho orgânico, passando

⁵ Diálogo deriva de *dialogosai* que significa conversar. Porém, não se trata de um conversar de qualquer modo ou sobre qualquer coisa. Implica saber discernir especialmente entre o bem e mal, entre o verdadeiro e o falso. A noção de dialética pressupõe o saber distinguir e classificar, a partir dos princípios racionais presentes no pensamento humano (alma). (PAVIANI, 1995, p. 730)

a impressão de ser escrito por uma única pessoa. Conseguimos alcançar tal objetivo, na medida do possível, mesmo que algumas vezes. Mas o que deveria ser mais fácil por causa da grande quantidade de pessoas trabalhando juntas, tornou-se algo extremamente exaustivo e com isso colocando em xeque a efetividade do trabalho com grupo extenso.

Ademais, não nos favoreceu a criação do trabalho de forma remota. Como discorrido, o ensino remoto afetou profundamente, não só nossa vida acadêmica, como também nosso cotidiano geral. A tecnologia nos ajuda, inclusive, a criar o presente trabalho em ambientes diversos, mas não favorece àqueles que não estão determinados a compreendê-la e adaptá-la em suas vivências. Faz-se necessária a compreensão dos meios tecnológicos que nos rodeiam, pois é algo que se tornou intrínseco ao mundo hodierno e ao compartilhamento de experiências plurais.

Proatividade vs. procrastinação: um olhar psicológico sobre a resenha

Em um mundo pós-moderno e com o avanço da informação e da tecnologia, ser produtivo, resolutivo, eficiente, possuir raciocínio rápido e lógico é algo que, provavelmente, nos colocará em boas posições profissionais e trará resultados satisfatórios. Fazer o máximo de atividades dentro do menor tempo é tentar chegar ao resultado que muitos almejam: ter tempo livre para poder enquadrar mais alguma tarefa ou atividade que gere prazer. Porém, nesse tempo nada é sempre tão produtivo quanto pensamos ou desejamos que seja. Para compreender esse fenômeno, é importante pensar sobre o significado de proatividade.

No Dicionário Online de Português, o termo proatividade possui a seguinte definição: “Característica de quem busca identificar ou resolver os problemas por antecipação, com antecedência; presteza, diligência”. Pode-se pensar que algumas pessoas são proativas de maneira muito espontânea. Temperamentos mais acelerados apresentam de forma nata essa habilidade indispensável nesta geração “imediatista”. O problema é que alguns temas requerem pesquisas, exigem buscar conexão com outras áreas de conhecimento, antes de escrever ou dar palpites e opiniões nos ambientes mais diversos. Na ânsia por apresentar informações novas, ou ser o primeiro a lançar um argumento, alguns se precipitam e cometem equívocos com mais frequência. Outros até se oferecem para participar de forma colaborativa, mas quando se defrontam com temas com os quais não

possuem qualquer experiência, tendem a apresentar outra forma de comportamento: a procrastinação.

No Dicionário Online de Português, a definição de procrastinação é: “Ação ou efeito de procrastinar, de adiar, de deixar para depois, para outro momento; delonga: procrastinação de prazos”. Bakos e Brito, por sua vez, indicam que “trata-se de um comportamento comum e prevalente que pode gerar prejuízos significativos na qualidade de vida das pessoas” (BAKOS; BRITO, 2013, p. 35).

Os indivíduos que possuem o hábito de procrastinar até apresentam interesse em colaborar, porém adotam uma postura recuada, esperando sempre pelos outros, objetivando não serem os primeiros a se manifestar, bloqueando-se em sua neutralidade, e apresentando temperamento predominantemente mais passivo, sempre à espera de alguém que tome a frente, que dê comandos e uma direção a ser seguida, sem qualquer forma de iniciativa própria.

Outra forma de entender a procrastinação é que, de alguma forma, estamos sempre buscando qualquer outra atividade que nos gere mais prazer do que aquilo que devemos fazer. Com isso, na falta de determinação para iniciar uma atividade, ou concluí-la, percebe-se que o problema não é o tempo, e sim a ação de fazer. A ausência dessa ação no presente reflete no resultado futuro. Bakos e Brito argumentam que, “em geral, esses comportamentos tendem a ser mais estudados durante a vida estudantil, na qual por volta de 80% dos estudantes procrastinam e, destes, 50% têm prejuízos significativos devido a essa condição” (DRYDEN & SABELUS, 2012; ENUMO & KERBAUY, 1999 apud BAKOS; BRITO, 2013, p. 35).

Para se fazer um trabalho em grupo de forma colaborativa, é necessário proatividade por parte de todos. O efeito psicológico de se fazer um trabalho percebendo que outros membros não estão engajados é bastante desmotivador para os que estão participando ativamente. Diversas razões para esse comportamento são apresentadas por Bakos e Brito (BASCO, 2010; ELIS & KNAUS, 1977; HAGHBIN, MCCAFFREY & PYCHYL, 2012 apud BAKOS E BRITO, 2013, p. 35) com base em suas observações clínicas de terapia cognitivo-comportamental: pode existir uma preocupação excessiva das pessoas com a própria capacidade de fazer as coisas corretamente; outras atrasam tarefas porque não querem ter de realizá-las, e ainda há aquelas que procrastinam porque não são organizadas e simplesmente não sabem por onde começar.

O problema da procrastinação não é isoladamente nos ambientes acadêmicos; em qualquer lugar é possível identificá-lo. Pode-se dizer que é uma estrutura comportamental do ser humano, o ato de, costumeiramente, buscar protelar, adiar e deixar sempre para as últimas horas, ou no pior dos casos, não cumprir o estabelecido. Porém existe uma ênfase na fase universitária, pois, segundo Bakos e Brito, “a procrastinação é altamente relacionada às questões acadêmicas, em especial às dificuldades do indivíduo jovem na adaptação aos deveres do ambiente universitário” (BAKOS; BRITO, 2013, p. 37).

Este trabalho acerca do filme trouxe um aprendizado que a maioria de nós já teve em outros grupos dos quais fazemos parte em sociedade: a experiência de contarmos com a parceria de outras pessoas. Uns foram muito solícitos e proativos, outros tiveram dificuldades, os demais não apresentaram uma postura colaborativa e chegaram ao nível máximo da procrastinação resultando em prejuízos significativos. Não ser colaborativo e não trabalhar em grupo é uma forma direta e indiscreta de não se importar com o outro ou até consigo mesmo, pois o prejuízo causado atinge a todos.

Tratando-se de referências bibliográficas e a sobrecarga do grupo de revisão: breves apontamentos

Outra adversidade na produção deste trabalho precisou ser bastante discutida: a falta de referências bibliográficas. Trata-se de algo de extrema importância para o embasamento teórico e, conseqüentemente, a credibilidade do que se expõe num trabalho acadêmico. Trazendo uma ótica reflexiva da pesquisa para o ponto supracitado, Castagna (2011) afirma que esta dificuldade de criação, por parte de acadêmicos da área de música, está ligada à falta de contato que têm com determinadas formas de leitura e discussões, colocando a concepção de trabalhos como obrigação e não criação, ligando-os também à cultura que estamos inseridos. Nas palavras do autor:

Temos dificuldade em realizar pesquisas porque normalmente não temos contato com pesquisas. Ou talvez tenhamos, porém não as aproveitamos suficientemente. Lemos poucos trabalhos de colegas e os discutimos menos ainda. Nessa situação, a pesquisa na universidade se resume à pesquisa escolar e vai se deslocando para a véspera dos trabalhos disciplinares, dos relatórios, dos TCCs e assim por diante. Reproduzimos, assim, uma cultura de pesquisa como obrigação e não de pesquisa como criação (CASTAGNA, 2011, p. 5).

A ausência de referências remete a uma interpretação de que tudo o que foi escrito se trata de ideias próprias e de origem inédita, o que torna a pesquisa inconsistente. Assim, o texto que propunha uma análise crítica, passou a tornar-se alvo de opiniões vagas com muitas expressões como “acho que...”, “penso que...”, “acredito que...”, entre outras, fazendo com que perdesse o caráter de embasamento teórico, principalmente ao referir-se a definições de vocábulos ou explicações sobre fenômenos diversos.

Resolver tais problemas foi bastante penoso por se tratar de textos de diversos autores, com suas próprias experiências e impressões, tanto relacionados ao objeto de discussão, como ao que está à sua volta, e que muitas vezes encontravam-se desconexas com o tema abordado. Foi necessária, ao grupo de revisão final, muitas pesquisas em busca de referências para as mais variadas abordagens que seriam inviáveis sem o embasamento teórico.

Considerações finais

A tarefa de analisar um filme e logo em seguida relatar o processo dessa mesma análise apresentou-se algo singular e desafiador, principalmente quando se leva em conta todo o contexto na qual estamos inseridos. Enfrentamos adversidades proporcionadas por nuances até então alheias às nossas expectativas, mas que foram pontuais para o enriquecimento do nosso aprendizado. Muito se destacou a influência da pandemia no processo de produção e planejamento deste trabalho coletivo. Mas por que coletivo? Porque fora proposital, para que servisse de laboratório levando em conta o contexto social. Um contexto que impôs desafios a todos e nos obrigou a nos reinventarmos, a refletirmos mais sobre diversos aspectos da vida cotidiana. Escancarou infindáveis problemas estruturais de vários setores da sociedade que estavam camuflados como espectros que nos perturbam, mas que não se revelam facilmente. Como profere o abade Faria, personagem do romance *O Conde de Monte Cristo* (1844, p. 151) do escritor francês Alexandre Dumas, quando é alvo de admiração pela sua genialidade: “É precisa a desgraça para explorar certas minas misteriosas, ocultas na inteligência humana; é precisa a pressão para que a pólvora faça explosão.” Foi num momento de adversidade que aprendemos a explorar ainda mais nossa criatividade e utilizar as ferramentas disponíveis em nosso favor. Para nós, essas

ferramentas foram diversas, desde aplicativos de bate-papo a aplicativos de edição de texto, muitos deles nunca explorados por muitos alunos e professores.

Não bastando esses “poréns”, ainda vivenciamos incontáveis contratempos entre os próprios envolvidos na tarefa, tanto por fatores individuais quanto por coletivos. Isso nos levou a colocar em xeque, em diversos momentos, a efetividade de um trabalho realizado por um grupo extenso, mas que logo nos fez reconsiderar as impressões pessimistas, já que o presente trabalho foi realizado a partir das experiências adquiridas no anterior, que também foi feito em grupo e teve resultado satisfatório. Portanto, algumas das lições aprendidas e colocadas em prática são que, apesar das situações excêntricas, um bom planejamento e uma boa organização são coisas cruciais para que tenhamos resultados satisfatórios.

Referências

ALMEIDA, Hellen. Proae lança editais para concessão de auxílios instrumental e de inclusão digital. Portal da UFRN, 2021. Disponível em: <<https://www.ufrn.br/imprensa/noticias/47230/proae-lanca-editais-para-concessao-de-auxilios-instrumental-e-de-inclusao-digital>>. Acesso em: 08 out. 2021.

BARRETO, A. C. F.; ROCHA, D. S. COVID 19 E EDUCAÇÃO: RESISTÊNCIAS, DESAFIOS E (IM)POSSIBILIDADES. Revista Encantar, v. 2, p. 01-11, 10 maio 2020.

BAKOS, Daniela Di Giorgio Schneider; BRITO, Fernanda de Souza. Procrastinação e terapias cognitivo-comportamental: uma revisão integrativa. In: **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, 2013. p. 34-41.

CAPPRA, R. Na primeira pandemia acompanhada em tempo real, analista de dados mostra a importância da cultura analítica. **ECOIA – Por um mundo melhor**, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoia/reportagens-especiais/o-mundo-pos-covid-19-5---tecnologia-e-analise-de-dados-por-ricardo-cappra/#page1>> . Acesso em: 27 jul. 2021.

CASTAGNA, Paulo. Propósitos da pesquisa na universidade. **PETulante, Revista do PET-Música IA/Unesp**, São Paulo, n.4, p.106-116, dez. 2010 / nov. 2011.

PROATIVIDADE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/proatividade/>>. Acesso em: 25 jul. 2021.

PROCRASTINAÇÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/procrastinacao/>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

DUMAS, A. O Conde de Monte Cristo. 11ª Reimpressão. São Paulo: **Editora Martin Claret**, 2015.

GOHN, Daniel. Um breve olhar sobre a música nas comunidades virtuais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 19, 113-119, mar. 2008.

GUSSO, H.; ARCHER, A.; LUIZ, F.; SAHÃO, F.; LUCA, G.; HENKLAIN, M.; PANOSSO, M.; KIENEN, N.; BELTRAMELLO, O.; GONÇALVES, V. Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. **Educ. Social**, Campinas, v. 41, p. 1-27, jul. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/pBY83877ZkLxLM84gtk4r3f/?lang=pt>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet, 14/04/2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet>>. Acesso em: 27 jul. 2021

ORQUESTRA DOS MENINOS. Direção: Paulo Thiago. Produção: Globo Filmes. Sergipe: Paramount Pictures, 2008. Formato digital.

PAVIANI, Jayme. Dialética e linguagem em Platão. **Veritas**, Porto Alegre, v. 40, n. 160, p. 729-739, dez. 1995. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/36022>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

PEREIRA, Marcus Vinícius M.; OLIVEIRA, Mário André W.; (Re)Ações da Associação Brasileira de Educação Musical em tempos de pandemia: entre adaptações e a construção de um novo futuro. In: **RevistaMúsica**, v. 20 n. 2 – Dossiê Música em Quarentena. Universidade de São Paulo, dezembro de 2020.

SILVA, Williane. UFRN suspende aulas presenciais por tempo indeterminado. Portal da UFRN, 2020. Disponível em: <<https://www.ufrn.br/imprensa/noticias/34250/ufrn-suspende-aulas-presenciais-por-tempo-indeterminado>>. Acesso em: 28 jul. 2021.

WHIPLASH: EM BUSCA DA PERFEIÇÃO. Direção: Damien Chazelle. Produção: Sierra Affinity. Estados Unidos: Sony Pictures Classics, 2014. Formato digital.